

## **A PERCEPÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM SOBRE O AUTISMO**

DENISE DALMORA DARTORA<sup>1</sup>; MARJORIÉ DA COSTA MENDIETA<sup>2</sup>; BEATRIZ FRANCCINI<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Enfermeira pela Faculdade de Enfermagem (FEn) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Email: [denise.dalmora@gmail.com](mailto:denise.dalmora@gmail.com); <sup>2</sup>Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem UFPEL. Email: [marjo.mendieta@jbest.com.br](mailto:marjo.mendieta@jbest.com.br); <sup>3</sup>Enfermeira. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem UFPEL. Professora Assistente da FEn UFPEL. Email: [beatrizfranchini@hotmail.com](mailto:beatrizfranchini@hotmail.com)

### **1. INTRODUÇÃO**

O Autismo é caracterizado por apresentar déficits qualitativos na interação social e na comunicação, padrões de comportamento repetitivos e estereotipados e um repertório restrito de interesses e atividades. As dificuldades na interação social podem manifestar-se como isolamento ou comportamento social impróprio; pouco contato visual; dificuldade em participar de atividades em grupo; indiferença afetiva ou demonstrações inapropriadas de afeto; falta de empatia social ou emocional (GADIA; TUCHMAN; ROTTA, 2004).

As características clínicas do Autismo manifestam-se antes dos 30 meses de idade, quando a criança começa apresentar um desvio do desenvolvimento social, dificuldade/incapacidade do desenvolvimento da linguagem. Os elementos mais comuns da falta de desenvolvimento social é a ausência de reciprocidade e dificuldade de criar vínculos. O diagnóstico deve ser precoce, para tanto, torna-se importante uma avaliação das reações da criança tanto por parte dos pais quanto por parte da equipe médica e de enfermagem (CARNIEL; SALDANHA; FENSTERSEIFER, 2010).

Identificar uma criança que parece ter um mundo singular, com dificuldades de interação social e movimentos estereotipados não é tão difícil. Porém, reconhecer nuances muito leves de dificuldades sociais em pessoas que não tem o diagnóstico é mais complicado. Contudo, entender os sentimentos e percepção dos portadores desse funcionamento mental é o primeiro passo para que se possa ajudá-los (SILVIA; GAYATO; REVELES, 2012).

Com isso, é importante conhecer a percepção dos profissionais da enfermagem acerca da temática autismo, buscando detectar lacunas ou potencialidades destes profissionais, com o objetivo de se alcançar cada vez mais qualidade na assistência ao autista e sua família.

Desse modo, o objetivo do trabalho foi conhecer a percepção da equipe de enfermagem, de um Hospital Universitário de um município do Sul do Rio Grande do sul, frente ao atendimento às crianças autistas.

### **2. METODOLOGIA**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória. Os sujeitos do estudo foram seis profissionais da equipe de Enfermagem incluindo técnicos e enfermeiros. A coleta de dados ocorreu no mês de Dezembro de 2012, utilizou-se para a coleta entrevista semiestruturada a qual foi gravada e transcrita. A análise de dados foi realizada por meio da análise temática de Minayo (2008).

Foram entrevistados profissionais de Enfermagem que atuavam há mais de dois anos em ala pediátrica de um Hospital Universitário na cidade de Pelotas-RS. Todos os seis convidados aceitaram participar da entrevista, dentre eles dois Enfermeiros e quatro técnicos de Enfermagem, identificados segundo nomes de estrelas do complexo solar, escolhido pelos mesmos: ALFA, EPSILON, LACAILE, SIRIUS, ROSS E WOLF.

O projeto recebeu aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal de Pelotas (499/014).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A imagem do autista geralmente está construída em cada pessoa, inconscientemente. Uma criança isolada no seu canto, balançando o corpo e olhando incansavelmente para seus dedinhos a se mexer, é um exemplo clássico. Essa cena até ilustra, em parte, pessoas com esse tipo de funcionamento mental, mas, como esteriótipo, é capaz de deixar marcas e estigmatizar quem vive e se expressa assim.

Percebe-se essa visão estereotipada, inclusive nos profissionais da enfermagem entrevistados, como se pode observar nas seguintes falas:

“Então a percepção que a gente tem é que eles vivem num mundo a parte e que a gente por muitas vezes não consegue intervir, não consegue interferir no mundo deles” (ALFA)

“Eu imagino uma pessoa autista isolada, se balançando, completamente catatônica assim, completamente indiferente a tudo” (SIRIUS)

Quando se menciona a palavra “autismo” a imagem já pré-formada está associada a alguém “diferente” de nós, que vive à margem da sociedade e tem uma vida extremamente limitada, em que nada faz sentido (ALVES, 2009).

No entanto, esse olhar parece estreito demais, quando se fala em autismo, refere-se a pessoas com habilidades absolutamente reveladoras, que calam fundo nossa alma, e fazem refletir sobre quem de fato vive alienado.

“A gente fica com aquele sentimento de pena só, de coitadinho né” (EPSILON)

“Eles não são, com perdão da palavra, um retardado qualquer, não é, é uma pessoas especial, é um pouco diferenciada do que estamos acostumadas no dia a dia” (WOLF)

A ideia limitada sobre as pessoas autistas reduz os indivíduos afetados única e exclusivamente, conforme Surian (2010) a um transtorno ou “doença” assim abolindo de vez qualquer possibilidade de extrair a riqueza que há dentro dele.

O preconceito que alguns profissionais evidenciaram em algumas entrevistas, tentou ser desviado para as famílias em outras, várias vezes mencionando que a própria família tem preconceito com relação à criança autista. Será que essa forma de achar que o preconceito vem da família não é uma forma de mascarar o próprio preconceito do profissional?

“O pai e a mãe dele limitam muito ele, como se não tivesse capacidade de fazer as coisas, excluem das conversas, da interação social, muito triste...O preconceito existe e não só pelas pessoas de fora mas também pela família” (ROSS)

“O preconceito existe sim, às vezes dos próprios pais né? Eles sentem vergonha. Tanto os pais, irmãos tem que ser bem carismáticos quando tem esse tipo de pessoa especial na família né...” (LACAILE)

Bosa e Schimidt (2003) referem que as famílias das crianças portadoras de autismo veem seu imaginário de futuro perfeito se desfazer ao receberem o diagnóstico, se deparam frente ao desafio de ajustar seus planos e expectativas quanto ao futuro, às limitações desta condição, além da necessidade de adaptar-se à intensa dedicação e prestação de cuidados das necessidades específicas do filho.

A preocupação da família que assiste um autista vai além da vergonha e do preconceito citados, são inúmeros os fatores que preocupam esses pais e elevam seus níveis de estresse. A aparência saudável da criança quando bebê cria expectativa nos pais, embora as características físicas não mudem devido a síndrome o olhar lançado à criança depois do diagnóstico faz com que seja vista de modo diferente.

O medo de o filho apresentar graves incapacidades que necessitem de cuidados intensos durante toda a vida, as poucas expectativas quanto às melhorias de tratamento, o desconhecimento do tema por parte da sociedade e dos profissionais causam um sentimento de abandono a esses pais (SILVIA; GAYATO; REVELES, 2012).

Conseguir entender e dominar o mundo singular dessas crianças com autismo, sem o preconceito, é ter a oportunidade de descobrir o que há de mais humano nos profissionais e neles (autistas).

#### 4. CONCLUSÕES

Este estudo possibilitou descrever a percepção da equipe de enfermagem em relação às crianças autistas. Compreender esse transtorno pode ser relativamente simples quando estamos dispostos a nos colocar no lugar do outro, a buscar a essência mais pura do ser humano e a resgatar a nobreza de realmente conviver com diferenças. E talvez seja esse o maior dos nossos desafios: aceitar o diferente e ter a chance de aprender com ele.

É necessário que se estude mais sobre o tema, talvez em outros locais, com outros profissionais, para que assim com um contingente maior de informações se possa de alguma forma incentivar os profissionais a buscarem conhecimento e embasamento sobre o tema, para que aconteça futuramente um cuidado mais íntegro, humano e com melhores resultados.

Assistir a criança com distúrbio mental constitui-se em um grande desafio. Esta é a motivação para relatarmos a atuação do enfermeiro e da sua equipe frente ao atendimento à criança autista.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNIEL, E. L.; SALDANHA, L. B.; FENSTERSEIFER, L. M. A atuação do enfermeiro frente à criança autista. **Pediatria (São Paulo)**, v.32, n. 4, p. 255-260, 2010.

GADIA, Carlos A; TUCHMAN, Roberto; ROTTA Newra T. Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento/ Autism ans pervasive developmental disorders. **Jornal de Pediatria**, Porto Alegre-RS, v.80, n.2, 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/jped/v80n2s0/v80n2Sa10.pdf>>. Acessado em: 03/07/2014.

MINAYO, M.C. de S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo – Rio de Janeiro: HUCITEC, 2010.

SCHIMDT, C.; BOSA, C. A investigação do impacto do autismo na família: Revisão crítica da literatura e proposta de um novo modelo. **Interação em Psicologia**, v. 7, n.2, p.111-120, 2003.

SILVIA, A.B; GAYATO, M.B.; REVELES, L.T. **Mundo Singular:** Entenda o Autismo. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, p.288, 2012.

SURIAN, L. **Autismo:** Informações essenciais para familiares, educadores e profissionais de saúde. São Paulo: Paulinas, 2010.